

DOCENTES UNIVERSITÁRIOS INICIANTES: DESAFIOS VIVIDOS NA RELAÇÃO ENSINO E PESQUISA

AMARAL, Luana Prestes Marques¹
Universidade Federal de Pelotas- Instituto de Sociologia e Política

SILVA, Tássia Valente Silveira da²
Universidade Federal de Pelotas- Faculdade de Educação

ZANCHET, Beatriz Maria Boéssio Atrib (orientadora).
Universidade Federal de Pelotas- Faculdade de Educação

¹Autor: lua.depel@hotmail.com

²Autor: tassiasil@ibest.com.br

¹Orientadora: biazanchet@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O recorte aqui apresentado faz parte da pesquisa interinstitucional *Qualidade do ensino de graduação: relação entre ensino, pesquisa e desenvolvimento profissional* e busca compreender como docentes universitários iniciantes na carreira compreendem a relação entre os saberes necessários para o ensino que desenvolvem e os saberes da pesquisa. A reflexão sobre a iniciação à docência surge na tentativa de compreender a docência universitária em sua complexidade, seus limites, desafios e suas possibilidades, com o objetivo de construir conhecimentos sobre tal temática a pedagogia universitária. Na universidade, essa preocupação se fundamenta no fato de que o ingresso dos professores, através de concursos públicos, valoriza sobremaneira a titulação. Os docentes que ingressam na carreira, na maior parte das vezes, são egressos de programas de pós-graduação possuindo o título de mestres e/ou doutores especialistas em uma temática da sua área de conhecimento. Nessa perspectiva vale perguntar: essa centralidade da condição de pesquisa proporcionada pela pós-graduação *stritu sensu* pode ser considerada um pressuposto de que a pesquisa qualifica o ensino e que este decorre dela? Quais os impactos que surgem da centralidade da valorização e da formação do docente em suas habilidades de pesquisa? Quais os motivos para ingressar na docência universitária? Esses são alguns questionamentos que mobilizam este estudo que procura explicitar a importância do tema numa dimensão pedagógica e política.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A pesquisa utilizou para coleta de dados entrevistas semi-estruturada com docentes iniciantes de diferentes áreas selecionados a partir da indicação dos coordenadores de cursos da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) e Universidade Federal do Paraná – setor litoral (UFPr-Litoral) A amostra conta com 27 professores, escolhidos a partir de sua área de formação e atuando nos cursos de Engenharia Industrial e Madeireira, Nutrição, Direito, Odontologia, etc. Cursos de Nutrição, Engenharia Madeireira, Odontologia, Biologia, Medicina, Agronomia, Engenharia Agrícola, Matemática, Engenharia

Florestal, Agroecologia, Gestão Ambiental, Administração, Ciência da Computação, Enfermagem, Engenheiro de Minas, História, Linguística e Farmácia. Os itens da entrevista procuraram cobrir questões que possibilitassem aos professores falarem sobre como vêem a relação entre ensino e pesquisa, sobre os motivos para ingressar na docência universitária; experiências iniciais na profissão docente; relação com os estudantes; lugar de formação do professor universitário; saberes específicos para a docência; relação entre as atividades de pesquisa e atividades da docência; qualidade da educação superior. Algumas referências teóricas que estão direcionando nossa análise são os estudos de Cunha (2010), Garcia (2009), Ruyz (2009) e Tardif (2002).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando perguntados sobre a necessidade de saberes específicos para o ensino, as respostas dos entrevistados apontaram para a importância de ter conhecimento da relação ensino-aprendizagem, das relações pedagógicas para tentar interagir da melhor forma com os estudantes. Os entrevistados mostraram preocupação em relação à formação pedagógica, pois nos seus cursos de mestrado e/ou doutorado não tiveram oportunidades de discutir o ensino. Afirmaram que esses cursos estão muito voltados para a formação do pesquisador e pouca ou nenhuma preocupação é vislumbrada no sentido da preparação do professor para enfrentar os desafios da sala de aula. Segundo os professores, o conhecimento dessas relações pode ajudar a melhor transmitir os conhecimentos bem como melhor compreender o processo de avaliação que precisam fazer com de seus alunos.

Os dados indicaram que os professores estão preparados para abordar, em sala de aula, os temas que pesquisa, num recorte de especialidade e verticalidade. Mas dificilmente encontram estímulos para alcançar uma “expertise” na estrutura maior de seu campo, organizando mapas conceituais mais amplos, incluindo a possibilidade da interdisciplinaridade. Mais grave, ainda, na dimensão do ensino, é que os saberes próprios da profissão docente lhes são alheios. Não tiveram uma formação inicial para a docência. E não encontram consistentes programas institucionalizados de educação continuada que lhes proporcionem os conhecimentos teóricos e práticos da profissão que abraçaram. Assim não são estimulados a ultrapassarem as práticas que culturalmente aprenderam com seus professores.

É importante ressaltar que os professores salientaram que seria importante contemplar um aprofundamento nas questões da formação específica da área aliando-as às da formação pedagógica e as que correspondem à pesquisa. Mesmo que os professores tenham mencionado essa condição, é necessário salientar que seus cursos de graduação os habilitaram para o exercício de uma profissão que não é a docência. Alguns resultados apontaram que, apesar de a formação acadêmica dos seus cursos privilegiarem apenas os saberes dos conteúdos específicos das matérias que ensinam os professores em início de carreira se instituem a partir de uma perspectiva conteudista, acreditando, inicialmente, que o domínio do conteúdo é a chave de sua docência. Logo, porém, percebem que as exigências são muito maiores e vivem o que Tardif (2002) e outros autores denominam como choque de realidade.

4 CONCLUSÕES

A universidade teve de atribuir um maior status acadêmico à pesquisa até transformá-la no componente básico da identidade e do reconhecimento do docente universitário. O equívoco, talvez, é assumir que os saberes da pesquisa constituem a principal base da profissão de professor. É notório que os programas de pós-graduação *stritu-senso* se constituíram no lugar privilegiado de formação dos docentes, baseando seus projetos pedagógicos na dimensão da pesquisa sem, em geral, se preocuparem com os saberes próprios do exercício da docência. Essa condição fez com que o ensino se transformasse em uma atividade secundária dos docentes. Muitas vezes, na universidade se aceita que pesquisar constitui um nível de desenvolvimento intelectual superior, uma capacidade para ver as coisas de forma mais rigorosa e sistemática, um maior conhecimento dos assuntos que transitam nos campos científicos. Em contrapartida, observamos que essa argumentação é fraca se analisada sob a ótica do ensino. Durante a pesquisa realizada foi possível perceber um interesse significativo desses professores em discutir suas práticas, repartir dificuldades e diferenças, compartilhar frustrações e sucessos. Parece ser um período em que estão buscando o seu estilo profissional, onde se estabelecem os valores que vão se constituindo numa marcante cultura. Entretanto as representações e as ideologias profissionais sugerem o individualismo e os joga numa condição de ambigüidade. Por um lado são cada vez mais responsabilizados pelo sucesso da aprendizagem de seus alunos, bem como pelos produtos de sua condição investigativa. Por outro, a preparação que tiveram não responde às exigências da docência e não foram para ela preparados. Mesmo assumindo que a formação inicial não dá respostas lineares aos desafios da prática, a inexistência de qualquer teorização sobre a dimensão pedagógica os torna profissionalmente frágeis, assumindo um papel profissional para o qual não possuem saberes sistematizados e refletidos. Sem desconsiderar a importância da formação investigativa na trajetória destes jovens doutores, denominá-los de professores e pensar que possam estar em condições de compreender propostas curriculares que incluam processos de ensinar e aprender com bases consistentes é uma quimera. Mais ainda quando se teria a perspectiva de que eles fossem capazes de fazer rupturas epistemológicas e correr riscos de desenvolver uma pedagogia que certamente se afasta de suas trajetórias estudantis, interpretando a cultura de seus alunos e a importância de articular teoria e prática, a partir de suas vivências.

Assim, percebemos que a melhoria da prática pedagógica não requer somente a compreensão intelectual dos professores, mas fundamentalmente sua vontade de transformar as condições que constituem a cultura herdada.

5 REFERÊNCIAS

CUNHA, Maria Isabel da. Trajetórias e lugares de formação da docência universitária: da perspectiva individual ao espaço institucional. Relatório de pesquisa, 2010.

MAYOR RUIZ, Cristina (org.). El asesoramiento pedagógico para La formación docente del profesorado universitário. Ed. Universidade de Sevilha, 2007.

MARCELO GARCIA, Carlos. Formação de professores: Para uma mudança educativa. Porto, Porto Editora, 1999.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.